



ISSN: 1983-8379

Ecometria do silêncio ou mil abraços no inapreensível

Edmon Neto de Oliveira ¹

RESUMO:

Este trabalho pretende fazer uma leitura reflexiva do livro *Ecometria do Silêncio*, de Alberto Pucheu, que é parte da sua poesia reunida em *A fronteira desguarnecida* (2007). Partindo de um princípio ético em que o poeta deposita na escrita toda a sua confiança, as considerações serão feitas no sentido de trazer à tona os fins específicos que norteiam a poética em questão, a saber: a indistinção entre poesia e filosofia, bem como o parentesco entre corpo e cidade, carne e máquina, real e linguagem.

Palavras-chave: Poesia; Filosofia; Crítica Literária

ABSTRACT:

This essay aims to make a reflective reading of the book *Ecometria do Silêncio*, by Alberto Pucheu, which is part of his poetry held in *A fronteira desguarnecida* (2007). Starting from an ethical principle in which the poet puts all his trust in writing, the discussions will bring forth the specific purposes: the lack of distinction between Poetry and Philosophy, as well as the kinship between body and city, flesh and machine, real and language.

Keywords: Poetry; Philosophy; Book review

¹ Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora



ISSN: 1983-8379

Introdução

Trilhando um caminho oposto ao das ciências do homem, em que sujeito e objeto necessariamente se identificam, a crítica que aqui pretendo realizar vai de encontro às ideias do pensador italiano Giorgio Agamben, para quem “uma ciência sem objeto não é um paradoxo jocoso, mas talvez a tarefa mais séria que, em nosso tempo, continua confiada ao pensamento²”. Ao contrário de uma metodologia que frustra o conhecimento em busca de um triunfo da objetividade e a consciência de que o objeto a ser apreendido não vingou, as profanações iluminam um pensamento mais profundo e autêntico de uma busca da crítica que é mais fecunda quando assume o paradoxo da inacessibilidade de seu objeto³. Ora, privilegiando esse pensamento, segundo o qual o lugar da crítica (estância, cômodo, receptáculo) contém o inapreensível “como o seu bem mais precioso⁴”, a presente comunicação tem o propósito de criar junto com o poeta Alberto Pucheu, a partir do que já fora criado por ele e antes por outros, retirando um terceiro sentido desses outros, na possibilidade de criar um novo corpo⁵. E na tentativa de dizer o indizível, pensar o impensável e pregar uma intimidade com o estranhamento, os arranjos “extemporâneos⁶” de Alberto Pucheu se encontram na encruzilhada entre o pensamento e o gozo da poesia, indistintos entre si, mas que dizem ora por via do conceito, ora por via da imagem, ou nessas duas formas imbricadas, construindo um grande elogio da linguagem onde a escrita se configura como uma forma de vida.

1. Com que metro se mede o silêncio

“Então tudo me flutua ante os olhos, e continuo sorrindo e sonhando em minha jornada através do mundo”
(Goethe)

² *Estâncias*, p. 11.

³ “A iluminação profana, a que ela dirige a sua intenção mais profunda, não possui o seu objeto. Assim como toda autêntica *quête* [busca], a *quête* da crítica não consiste em reencontrar o próprio objeto, mas em garantir as condições da sua inacessibilidade”. (AGAMBEN, 2007, p.11)

⁴ *Estâncias*, p. 13.

⁵ Em entrevista concedida a Rodrigo de Souza Leão, Pucheu diz: “Utilizo os outros apenas quando não podem deixar de ser um terceiro entre eles e eu. Criamos juntos um terceiro corpo, em cuja invenção me descubro, mais do que sozinho. Assim, como em Rimbaud, e para sempre: *Eu é um outro*”. (PUCHEU, 2007, p. 245)

⁶ Extemporâneo ou intempestivo: “ou seja, contra o tempo, e com isso, no tempo e, esperamos, em favor de um tempo vindouro”. (NIETZSCHE, 2003, p. 7)



ISSN: 1983-8379

Em sua primeira peregrinação pelos homens, depois de ter descido dos montes onde vivia em sua caverna, Zaratustra leva a sua sabedoria aos que se tornariam seus discípulos no decorrer daquela jornada. Das muitas pregações que a personagem de Nietzsche faz, uma em especial, intitulada “Do caminho do criador” iluminou-me a empreitada de falar sobre *Ecometria do Silêncio*, uma potente poesia vinda das terras oceânicas de São Sebastião do Rio de Janeiro, via Alberto Pucheu. Muito tranquilamente digo que ambos, o alemão e o brasileiro, são exímios poetas e filósofos, por isso me armo de antemão contra os que dizem daqueles que elegem primeiro a teoria, para enfim partirem para o texto literário. A minha crítica não se pretende cinzenta, como o próprio carioca nos inspirou através de seu (quase) manifesto⁷.

Com as premissas do super-homem e da vontade de potência, conceitos caros ao pensador alemão, o caminho do criador segundo a fala de Zaratustra se volta para a solidão do homem que ama e quer superar-se, das amarras a que deve se livrar para que se torne cada vez mais potente em sua atividade criadora, um refúgio que entretanto não é dos cobiçosos nem dos ambiciosos, pois parte de um isolamento que quer manter o lamento e a mágoa o mais distante possível. Dessa angústia, surge a consciência do estar sozinho e de precisar estar sozinho a fim de livrar-se das velhas línguas, das solas gastas, em busca de uma nova criação, de uma nova fala entusiasmada. Nas palavras de Zaratustra:

“Hoje, ainda sofre dos muitos, tu, que és um; hoje, ainda tens toda a tua coragem e as tuas esperanças. Mas, algum dia, sentirás o cansaço da solidão, algum dia, sentirás a tua altivez dobrar-se e a tua coragem ranger os dentes. Algum dia, gritarás: ‘Estou só!’. Algum dia, não mais verás o que em ti é elevado, mas verás perto demais o que é baixo; a tua própria excelsitude te fará tremer como se fosse um fantasma. Algum dia, gritarás: ‘Tudo é falso!’”. (NIETZSCHE, 2010, p.90)

É esse “estou só” que marca a atmosfera do poema homônimo na abertura do livro de Pucheu, sobretudo na contínua repetição ao longo do texto, como para que lembrar e ser lembrado de sua condição. Um denso solo no qual o poeta se enuncia pontuando os momentos de devir constante, em que o recolhimento o faz trabalhar com as vozes pronunciadas por um silêncio que marca o corpo que abandona o fetichismo de ir “ao túmulo do poeta morto”, “vestir seus óculos”, caminhar as ruas percorridas por aquele poeta declamando seus versos

⁷ *Pelo colorido, para além do cinzento (quase um manifesto)*, a literatura e seus entornos interventivos, 2007.



ISSN: 1983-8379

de cabo a rabo; tampouco, deseja sua caneta, seus bolorentos manuscritos ou anseia por indicações a editores e jornais. Essas coisas facilmente apreensíveis são escombros que não se deseja tocar ou trazer junto ao corpo, pois o que se apreende dos poetas mortos já está cravado na carne, há tempos edificando marcas⁸.

De acordo com as palavras do profeta, a elevação cede lugar a uma visão mais baixa, pois o espírito parece estar cansado dos altos voos e necessita da tranquilidade. Na *Ecometria*, “Viver é para aqueles que, apesar de tudo, permanecem tranqüilos” (PUCHEU, 2007, p.76); dessa forma, o eu da enunciação vai tecendo sua poesia pensante não se orgulhando de nenhuma relevância, já que é indiferente o crédito a que muitos se dão, numa inautenticidade que busca aplausos, num regozijo de falsa perspicácia e inteligência que gostariam de mostrar. O silêncio, enfim, cessa a palavra. A tentação do refúgio assume realidade inexprimível quando não se sabe mais porque falar, nem para que, nem para quem: “Falo pela necessidade implausível de silenciar as palavras com as próprias palavras” (PUCHEU, 2007, p.78).

Para Steiner⁹, as artes e as ciências podem chegar a uma “sintaxe comum”, considerando suas transcendências, mas diferenciando-as das falas comuns. Há que se recorrer aos sarcasmos e indiferenças, mas sobretudo à mutilação do próprio idioma em decorrência da dignidade decantada ao desumano. Elementar que se refere à política, rasurando as rubricas da humanidade com sua inquietude e melancolia, a palavra não deve ter espaço em tempos de brutalidade e, por isso, com palavras definitivas Steiner encerra *O poeta e o silêncio*: “O silêncio é uma alternativa. Se as palavras pronunciadas no meio urbano estão impregnadas de selvageria e mentiras, nada fala mais alto do que o poema não-escrito” (STEINER, 1988, p. 74). E ao contrário da epígrafe de Alberto Caeiro¹⁰, Pucheu termina o seu solo desnudado, mas com a força do verbo em sua língua, com a carne orgulhosa de ter feito o corpo enrijecer e no fim relaxar, de ter feito o homem despretensiosamente superar o homem e ao leitor arrebatado, espantar, entusiasmar, emudecer.

⁸ “Quase não me lembro do poeta morto. O que um dia esperei dele, descubro que, de há muito, trago no corpo: a força de um silêncio recolhido”. (PUCHEU, 2007, p. 75)

⁹ *Linguagem e Silêncio*, 1988.

¹⁰ “Ser poeta não é uma ambição minha / É a minha maneira de estar sozinho.”.



ISSN: 1983-8379

“Nunca me reconheci em nenhuma frase, estive sempre perdido e, hoje, só tenho essa perdição sem qualquer esperança. Vivo a instabilidade das propensões, submetido aos ditames do provisório. Estar fora de tudo o que dizem, não ser alvo meritório de ninguém, é minha maneira de estar dentro. Não tenho escolha. Prefiro assim. Estou só.” (PUCHEU, 2007, p. 78).

2. O desguarnecimento de fronteiras

“Havia elogiado um escritor, em uma mesa de bar. Alguém me disse: *Mas ele não é poeta, é prosador. De um destes gêneros inclassificáveis.* Ao que retruquei: *Acho esse papo de gêneros uma grande balela. Além do mais, se inclassificável, é poesia.*” (Pucheu)

Em artigo publicado no jornal *O Globo* em janeiro de 2000¹¹, Caio Meira comenta o livro recém publicado de Alberto Pucheu, reiterando o grande diferencial que este tem em relação a muitos poetas contemporâneos, que é o desenvolvimento de um projeto de literatura:

“Sem se contentar em ser uma versão experimental de alguma poética precedente, Pucheu funda suas próprias bases. Seu percurso, fugindo da apatia pós-moderna, constitui-se essencialmente da procura das tensões, entre homem e cidade (...), entre palavra e silêncio (...), entre presença e ausência (...), entre tudo o que produz inquietação (...). Há no livro uma busca incessante da intimidade com o que é instável, com o que advém de uma *fronteira desguarnecida*. Essa intimidade é sobretudo desencavada, desentranhada, obtida através da desestabilização da relação com a vida e com o mundo.”

Em obras anteriores, posteriores e na então trabalhada, o carioca deixa claro que pretende descobrir relações de mestiçagens entre a poesia e a filosofia¹², inclusive nos seus textos de crítica, ensaios e leituras. No prefácio de *Estâncias – a palavra e o fantasma na cultura ocidental*, Giorgio Agamben discute qual seria o verdadeiro objeto da poesia, procurando responder seus questionamentos trazendo à luz a lembrança da cisão entre palavra poética e palavra pensante, que se produziu desde a origem na cultura ocidental. De um lado, a poesia acontece a partir de uma apropriação sem consciência, ao passo que a filosofia se apropria do objeto a partir de uma consciência sem gozo e, por isso, o conhecimento está

¹¹ Disponível em: <<http://www.caiomeira.kit.net/pucheu.htm>>

¹² “... o que, agora, tento. A partir de uma abertura, descobrir relações de mestiçagens entre poesia e filosofia, manusear uma matéria disforme que supere a abordagem dos pólos estanques, dar-lhe voz.(...) Se filosofia e poesia possuem particularidades que, através das alteridades, mantêm suas respectivas diferenças, há também entre elas encontros que provocam a mistura de uma com a outra, permitindo a formação de corpos múltiplos”. (PUCHEU, 2007, p. 168)



ISSN: 1983-8379

dividido entre um pólo “estático-inspirado” e um pólo “racional-consciente¹³”. Como consequência, Agamben aponta o fato de a filosofia ter deixado de elaborar uma linguagem própria, como se tivesse um “caminho régio” para a verdade que prescindisse do problema da sua representação, assim como o fato de a poesia não ter se dado nenhum método e nenhuma consciência de si. E em defesa da unidade própria da palavra despedaçada, atesta: “O que dessa forma acaba sendo suprimido é que toda autêntica intenção poética se volta para o conhecimento, assim como todo verdadeiro filosofar está sempre voltado para a alegria” (AGAMBEN, 2007, p.13).

No já mencionado (quase) manifesto, o Pucheu crítico-colorido, em sua forma potente, defende esse apagamento entre as limitações que mantêm separadas as produções científicas e artísticas como um todo, no qual o escritor (principalmente o crítico) deve ser capaz de operar como um sintetizador dos trabalhos literários em diálogo com os saberes da ciência, tornando-os permeáveis e suscetíveis a atravessamentos. Para o poeta-crítico, seria preciso

“a transformação do leitor-crítico em leitor-criador ou escritor-intensivo, que buscasse janelas por onde sair do texto, elevando sua carga suplementar a tal nível que, mantendo ou não o foco no texto abordado, borrasse cada vez mais o que antes era considerado como discurso primeiro, ou seja, ainda que falando sobre um outro, falasse, sobretudo, por sobre um outro”. (PUCHEU, 2006, p. 17)

O que promove a *Ecometria do Silêncio*, por outro lado, são os abalos que acontecem entre o corpo e a cidade, o real e a linguagem, a carne e a máquina. Há um envolver-se de elementos que se tornam indistintos entre si, num bailado delirante, como no “Poema para carregar no bolso”, onde degustamos “Os pés descalços, a sola engrossada por caminhos andarilhos, o dorso aderindo ao jeito do asfalto e das calçadas, o corpo manuseado pela rebelião sísmica e descontínua da cidade” (PUCHEU, 2007, p.79); ou em “A 1600 metros”, poema atravessado, em que “A paisagem deposita uma árvore no silêncio de meu corpo, entre a pleura e o braço, um gavião voa pelo intestino que se alarga à sua passagem, uma cabra

¹³ “A palavra ocidental está, assim, dividida entre uma palavra inconsciente e como que caída do céu, que goza do objeto do conhecimento representando-o na forma bela, e uma palavra que tem para si toda a seriedade e toda a consciência, mas que não goza do seu objeto porque não o consegue representar”. (AGAMBEN, 2007, p. 12)



ISSN: 1983-8379

rumina meu coração vibrante como capim ao vento (...)” (PUCHEU, 2007, p. 80), tudo aquilo que exprime o inexprimível. Mas são nos arranjos que a noção de devir¹⁴ e de invenção de uma nova língua fica mais evidente:

“Há um comer isolado das bocas, um digerir alheio a estômagos, uma força de sumiços e aparições separada de qualquer musculatura; mastigam, expelem, assimilam... No cabresto, a morte danada da besta me segue, domada. Até quando? Ninguém sabe (é sem aviso o corcovo da selvagem).” (PUCHEU, 2007, p.88)

É a partir da exploração desses arranjos que Pucheu desenvolve sua poética de maneira contundente, pois se utiliza de suas inquietações para exprimir, ao mesmo tempo, o seu pensamento e seu trabalho com a linguagem: em um mesmo pacote, reúne a literatura e a filosofia; em um mesmo momento, cria conceitos e cria imagens e, em um mesmo texto, goza e se conscientiza. Para ele, poesia e filosofia nunca estiveram em pólos estanques, de Platão Heidegger, passando por Nietzsche e chegando em Deleuze e Agamben. Em sua ética-estética-política, “Uma tensão rítmica entre o andamento da linguagem falada, o do que ela poderia dizer, o do que ela jamais poderia dizer, e o da escrita” (PUCHEU, 2007, p.98).

Conclusão

Tanto a poesia quanto a filosofia não devem ser privilégio de poucos. Cada qual se conscientiza ou goza com os próprios brinquedos, melhor dizendo: cada qual apreende da coisa sem a alegria do pensamento e, ao mesmo tempo, sem exclusão nenhuma, goza com os próprios brinquedos sem consciência alguma. Pois bem, em que lugar se encontra esse paradoxo? Em que infinito se chocam essas retas paralelas?

Uma questão: cada qual, em todos os momentos de suas vidas, respondendo a qualquer exigência, está submetido às forças sejam do sujeito civil, domado, inevitáveis ao cidadão comum e com o mínimo de juízo, que é obrigado a agir segundo uma forma

¹⁴ Utilizo o conceito de devir de Deleuze: “Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimise), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal, ou de uma molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos não preexistentes, tanto menos determinados numa forma quando se singularizam numa população” (DELEUZE, 1997, p.11).



ISSN: 1983-8379

dominante de pensamento, cujas premissas se apóiam na célebre grife chamada “Penso, logo existo”. Esse sujeito que carrega um fardo com o peso de viver no seio de um capitalismo até então irreversível e ao mesmo tempo se vê na obrigação de ter calibre para atacá-lo; esse homem que somos nós se entrega aos automatismos, mas ainda assim o corpo entra em choque e estranheza com as formas estabelecidas e desse assombro nasce o pensamento.

Nós, esses mesmo sujeitos, para satisfazer os nossos desejos mais desconhecidos e por agir sob a égide da felicidade inventando diversas justificativas, para dizer que somos arrastados por brisas ou regidos por ondas dionisíacas, necessitamos da alegria que nos derruba pelos pés, nos dá tapas na cara ou socos no estômago: há quem prefira os delírios, há quem permaneça nas ressacas. Mas quando Apolo está por perto, o silêncio é uma tentação: assumimos, assim, nossa tão privilegiada singularidade, nosso anseio de criação, nossa força máxima da palavra; assumimos o perigo do escritor e corremos para a solidão.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias – a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

MEIRA, Caio. *Ecometria do Silêncio*. Disponível em:

<<http://www.caiomeira.kit.net/pucheu.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

PUCHEU, Alberto. *A fronteira desguarnecida: (poesia reunida 1993-2007)*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2007.



ISSN: 1983-8379

_____. *Pelo colorido, para além do cinzento (A literatura e seus entornos interventivos)*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

STEINER, George. O Poeta e o Silêncio. In: *Linguagem e Silêncio: ensaios sobre a crise da palavra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.